

O homem também fala: o climatério feminino na ótica masculina

Men also speak: female climacteric from men's point of view

El hombre también habla: el climaterio femenino en la óptica masculina

Marinês Tambara Leite¹, Alexandra Taschetto², Leila Mariza Hildebrandt³, Isabel Cristina Pacheco Van der Sand⁴

¹ Enfermeira, Doutora em Gerontologia Biomédica. Professora Adjunto II da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: tambaraleite@yahoo.com.br.

² Enfermeira. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: alexandra.taschetto@bol.com.br.

³ Enfermeira, Mestre em Enfermagem. Professora Assistente da UFSM. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: leilahildebrandt@yahoo.com.br.

⁴ Enfermeira, Mestre em Enfermagem Psiquiátrica. Professora Assistente da UFSM. Palmeira das Missões, RS, Brasil. E-mail: isabelvan@gmail.com.

RESUMO

Estudo cujo objetivo foi compreender a percepção de homens acerca do climatério feminino. Pesquisa descritiva, de natureza qualitativa, da qual participaram dez companheiros de mulheres que vivenciam o climatério. Os dados foram coletados por meio de entrevista, analisados segundo os preceitos da análise de conteúdo. O material foi agrupado em uma categoria de análise que versa sobre modificações ocorridas na vida da mulher em decorrência do climatério na percepção de seu companheiro. Estes identificam os sintomas clínicos relacionados ao climatério, destacando-se a perda da libido, irritabilidade e fogachos. Mencionam que o relacionamento conjugal se mantém, porém possuem pouca tolerância diante das repercussões advindas dos sintomas climatéricos de suas companheiras. Os profissionais de enfermagem devem direcionar intervenções no sentido de, também, orientar os homens acerca das alterações orgânicas e psíquicas decorrentes do climatério vivenciadas por suas mulheres para que possam compreender essa situação e aprender a lidar com ela.

Descritores: Enfermagem; Climatério; Saúde da Mulher.

ABSTRACT

The objective of this study was to understand men's perception towards female climacteric. This descriptive, qualitative study was performed with ten partners of women undergoing climacteric. Data collection was performed through interviews, and then submitted to content analysis. The material was grouped into an analysis category, stating the changes that took place in the women's lives from their partner's perception. The men identified clinical symptoms related to the loss of libido, irritability and hot flashes. They have mentioned that the conjugal relationship is preserved, but they recognize their small tolerance towards the effects of the climacteric symptoms on their wives. Nurses must intervene in the sense of providing men with guidance regarding the physiological and psychological changes that their wives experience due to climacteric, so they (men) can understand the situation and learn how to deal with it.

Descriptors: Nursing; Climacteric; Women's Health.

RESUMEN

Estudio cuyo objetivo fue comprender la percepción masculina respecto del climaterio femenino. Investigación descriptiva de naturaleza cualitativa. Participaron diez compañeros de mujeres que experimentan el climaterio. Datos recolectados mediante entrevistas, analizados según análisis de contenido. El material fue agrupado en una categoría de análisis, versando sobre modificaciones sucedidas en la vida de la mujer como consecuencia del climaterio en la percepción del compañero. Estos identificaron los síntomas clínicos relacionados al climaterio, destacándose la pérdida de la libido, irritabilidad y calores. Mencionan que la relación conyugal se mantiene, no obstante, poseen poca tolerancia a las dificultades derivadas de los síntomas climatéricos de su compañera. Los profesionales de enfermería deben conducir investigaciones en el sentido de, también, orientar al hombre sobre las alteraciones orgánicas y psíquicas derivadas del climaterio experimentado por sus mujeres, para que puedan comprender la situación y aprender a enfrentarse a ella.

Descritores: Enfermería; Climaterio; Salud de la Mujer.

INTRODUÇÃO

Na vida humana as questões relativas à reprodução estão sujeitas a contínuas transições, tanto do ponto de vista biológico como na perspectiva psicológica, social e cultural. Algumas dessas transições são mais aceleradas, o que, por vezes, lhes imprime uma conotação de crise e, por isso, representa possibilidade de crescimento ou não, em oportunidade ou ameaça, a depender de quem esteja vivenciando tais mudanças⁽¹⁾.

Nesse cenário, ocorre uma das etapas da vida da mulher – o climatério, - fase biológica da vida, de transição entre o período reprodutivo e não reprodutivo, que tem como marco a menopausa. Esta corresponde ao último ciclo menstrual, reconhecido após passados 12 meses de sua ocorrência, o que, em geral, se dá por volta dos 48 aos 50 anos de idade⁽²⁾.

Mesmo que o climatério seja uma fase biológica da vida, há mulheres que apresentam manifestações variadas, em diversidade e intensidade. Essa sintomatologia envolve aspectos neuropsíquicos que, frequentemente, são os iniciais, e distúrbios vasomotores, que podem ser expressos com a presença de cefaleia, ansiedade, depressão, fadiga, insônia, diminuição da libido, entre outros, o que contribui para dar-lhe contornos de distúrbio ou patologia. Além disso, as alterações hormonais – hipoestrogenismo progressivo -, comumente desencadeiam desconforto nas mulheres, reduzem sua capacidade produtiva, determinam disfunções em seu ritmo de sono-vigília, predispondo-as à fadiga, irritabilidade e ampla labilidade emocional⁽²⁾.

Concomitante a isso, aspectos sociais e culturais, relacionados mais diretamente ao envelhecimento, a exemplo da discriminação geracional, baseada na idade cronológica, implicam no climatério e contribuem para dar a esse momento existencial nuances de distúrbio, com repercussões na saúde física, mental, emocional e nas inter-relações da mulher⁽¹⁾. Nesse sentido, estudo, que trata da menopausa e o tratamento de seus sintomas, destaca o sentimento de rejeição por parte dos parceiros, mencionado pelas mulheres sujeitos da investigação⁽³⁾.

Em decorrência desses aspectos socioculturais, o convívio conjugal pode ser afetado nessa fase da vida. O entendimento sobre “o ser homem” e “o ser mulher” contribui para a produção das atitudes e dos comportamentos, do modo de viver e de manifestar o amor e a afetividade. Assim, o parceiro, muitas vezes,

torna-se impotente em relação à situação vivenciada por sua mulher e, por conta de questões também subjetivas, o diálogo entre o casal é escasso ou até inexistente, o que contribui para um distanciamento entre os parceiros, podendo tornar a mulher insegura e solitária⁽⁴⁾.

Diante desse conjunto de implicações que dizem respeito à mulher no período de climatério e pautados em um conceito abrangente de saúde, considera-se necessário o acompanhamento contínuo das mulheres, com vistas à promoção da saúde, diagnóstico precoce, tratamento dos agravos e a prevenção de danos. Nessa perspectiva, os profissionais de saúde poderiam ajudar a mulher a encarar essa fase da vida com tranquilidade e a vislumbrar novas possibilidades. O entendimento, por parte da mulher e de seu parceiro, acerca desse processo de transformação, representado pelo climatério, pode auxiliá-los a enfrentar essa nova etapa da vida com mais energia, coragem, bem como aceitar os limites e oportunidades do processo de envelhecimento⁽²⁾.

Nessa perspectiva, os profissionais de saúde, dentre os quais o enfermeiro, poderiam investir em estratégias que visassem o fortalecimento da autoestima e da autonomia das mulheres nessa etapa da vida, que exige readaptação e que pode representar muito mais do que perdas, a exemplo da sabedoria trazida pela maturidade e, até mesmo, as vantagens da não preocupação com uma possível gravidez.

Salienta-se que, mesmo com os esforços governamentais para implementar estratégias de humanização e qualificação na atenção ao climatério, incorporadas ao Sistema Único de Saúde e sustentadas no princípio da equidade, muitos serviços existentes no cenário atual ainda não dão conta da complexidade referente à saúde da mulher, especialmente, daquela que se encontra no período climatérico, e que se expressa nas suas mais variadas especificidades, necessidades e diferenças. As práticas assistenciais são, em grande parte, de natureza curativa e medicalizadas e ações de educação em saúde, que privilegie a autonomia da mulher nas decisões sobre o seu corpo, ainda são escassas⁽¹⁻²⁾.

Além disso, no cenário de atuação das autoras deste estudo pouco se sabe acerca de ações focadas no climatério que envolvam, além da mulher, o seu parceiro. Percebe-se que o entendimento, por parte do casal, acerca dos determinantes de saúde no período climatérico é imperativo para que possam compreender a

condição da mulher nesse período e de forma compartilhada, lançar mão de estratégias que lhe encaminhem para um viver saudável⁽¹⁾, feliz e com cumplicidade.

O envolvimento do parceiro em ações de saúde centradas na vivência do climatério poderia contribuir para que ele auxiliasse sua companheira a vivenciar essa fase de forma mais tranquila. Destaca-se que boa parte das mulheres vive, ainda hoje, essa etapa de sua vida em silêncio, com pouca informação⁽⁵⁾. Essa é, também, uma razão que justifica e torna relevante a participação do parceiro nessas atividades, bem como do desenvolvimento de estudos relativos ao climatério que incluam os homens como sujeitos de estudo.

Por fim, ainda justificando o interesse pela temática, cabe destacar que a produção de conhecimento relativa ao climatério é recente, passando a ter incremento em razão do aumento da expectativa de vida da mulher, que em 2003, girava em torno de 75,2 anos de idade⁽⁶⁾, sendo influenciada, dentre outros motivos, pelo avanço tecnológico na área de saúde.

No Brasil, em 2007, a população feminina brasileira totalizava mais de 98 milhões de mulheres. Dessas, próximo de 30 milhões tinha entre 35 e 65 anos, o que denota que 32% delas estavam na faixa etária ou perto do climatério. Dados apontam, ainda, que a mulher vive por muitos anos na pós-menopausa⁽²⁾. Assim, o aumento populacional e a maior expectativa de vida apontam para a necessidade de serviços de saúde e de produção de conhecimentos relativos à saúde da mulher que vivencia o climatério. Ao conhecer o entendimento e a percepção que os homens têm sobre o climatério feminino, pode-se propor intervenções específicas direcionadas a este estrato da população.

A partir do pressuposto de que muitas mulheres vivenciam conflitos, sentem-se inseguras e rejeitadas por seus companheiros no período climatérico, considera-se pertinente desenvolver estudo que busque dar resposta a seguinte indagação: “qual a percepção e o conhecimento que os parceiros possuem acerca desta etapa da vida da mulher?” Nesse cenário, este estudo teve como objetivo compreender a percepção de homens acerca do climatério feminino.

MÉTODO

Estudo descritivo de abordagem qualitativa, desenvolvido no município de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul-Brasil, junto ao Centro de Planejamento de Atenção à Mulher (CEPAM), desse município. Os sujeitos da investigação foram homens, companheiros de mulheres que estão vivenciando o período climatérico, registradas no CEPAM. Como critério de inclusão dos participantes estabeleceu-se que o mesmo deveria ser companheiro de mulher que está vivenciando o período climatérico; que sua companheira tivesse sido atendida no CEPAM; residisse no meio urbano do município.

Para a localização dos sujeitos, a pesquisadora buscou junto ao CEPAM a relação de mulheres que estavam vivenciando o climatério e sendo atendidas nesse serviço, com seus respectivos endereços. De posse dessa informação foram realizadas visitas domiciliares para um primeiro contato com os possíveis sujeitos. Quando identificados, estes eram convidados a fazer parte do estudo. Uma vez aceito o convite, era agendado um horário que melhor lhes conviesse para realizar a entrevista.

Aos sujeitos do estudo foram fornecidos os esclarecimentos relativos ao objetivo e finalidade do estudo, o caráter de voluntariedade do participante, o sigilo, riscos e benefícios. A coleta de dados aconteceu entre janeiro e fevereiro de 2010 e o número de entrevistas foi determinado pela saturação dos dados, em que a entrevistadora, ao realizar novas entrevistas, constatou a repetição das informações.

Dez participantes fizeram parte deste estudo, com idade entre 35 e 59 anos, cujo tempo de união conjugal oscilou de 15 a 38 anos. O número de filhos por casal variou de nenhum a quatro, a maioria dos entrevistados (sete) completou o ensino fundamental, dois completaram o ensino médio e um não possui escolaridade formal. As profissões mencionadas foram agricultor, mecânico e funcionário público. A maior parte professa a religião católica (seis) e quatro seguem a crença evangélica. Quando indagados se a sua companheira utiliza terapia de reposição hormonal (TRH), dois deles responderam positivamente, um afirmou que não sabia e sete responderam que não. Seis dos entrevistados disseram que a companheira realizou histerectomia e outros três relataram que ela usou um método anticoncepcional.

Os dados foram coletados por meio de entrevista gravada e transcrita na íntegra. Inicialmente foram apreendidos dados relativos à caracterização dos participantes do estudo e na sequência lançada, como ponto de partida da entrevista, a seguinte pergunta balizadora: Fale o que o senhor sabe sobre o período do climatério (menopausa) de sua companheira?

A análise dos dados seguiu as diretrizes da análise de conteúdo que se compõem de: *pré-análise* - fase da organização, ou seja, de sistematização das ideias iniciais; *exploração do material* - consiste em operações de codificação do material obtido; *tratamento dos resultados, inferência e interpretação* - nessa etapa os resultados foram tratados de maneira a serem significativos e válidos. Em síntese, a análise de conteúdo visa identificar as ideias convergentes, agrupar e categorizar no intuito de dar resposta ao objetivo da pesquisa⁽⁷⁾. Desse modo, inicialmente realizou-se a organização e leitura do material coletado no campo empírico da pesquisa, em seguida fez-se sucessivas leituras, visando à exploração e a construção de categorias empíricas por convergências de ideias. Por fim, os resultados foram analisados, interpretados e discutidos com base na literatura que aborda a temática.

O projeto recebeu aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria e teve parecer favorável a sua execução por meio do Processo Nº 23081.011662/2009-02. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, com o intuito de preservar seu anonimato, os mesmos foram identificados com a letra E, seguido de número, respeitando a ordem de realização das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das informações possibilitou agrupar o conteúdo em uma categoria, a qual versa sobre as modificações ocorridas na vida da mulher em decorrência do climatério na percepção de seu companheiro.

O homem também fala: o climatério feminino na percepção masculina

Na fala de alguns entrevistados identificou-se que os mesmos possuem pouco conhecimento sobre as alterações clínicas e psíquicas que acontecem com a mulher no período climatérico. As alterações que

conhecem são de origem orgânica e psíquica, isto é, presença de fogachos e irritabilidade.

Sim eu já li tudo, é bastante irritabilidade, já tenho o conhecimento, sei do que se trata (E2).

Pois olha, sei pouca coisa, diz que tem calorão, sente bastante calor, eu sei pouca coisa (E6).

Sofre de calorão essas coisas, esses problemas (E5).

Em relação a estas manifestações, à síndrome do climatério tem sido atribuída uma gama de sintomas de origem neurogênica, em que os mais comuns são os fogachos. Além dos sintomas físicos, a diminuição dos hormônios pode desencadear distúrbios psíquicos como irritabilidade, nervosismo, depressão e ansiedade⁽⁸⁾. A partir disso, destaca-se que os homens participantes do estudo têm uma noção coerente de climatério.

No que tange ao relacionamento com sua parceira, um entrevistado referiu que se mantém, porém diminui a frequência das relações sexuais, especialmente, em consequência da presença de fogachos e da irritabilidade. Nesse mesmo sentido, outro participante mencionou que a perda da libido no período climatérico é outra condição que pode acontecer, contudo isso não ocorre com todas as mulheres.

Olha, em matéria de sexo ela procura menos, tem tido calorão essas coisas... nunca está bem. Mas é só isso aí, não é sempre também. É só naquelas fases, tem fase... O casamento está tudo normal, só aquela parte do sexo que dá aquelas crises de calorão, irritabilidade (E2).

É depende..., perde o desejo na menopausa, tem umas que não, mas eu na verdade não sei direito (E5).

Os aspectos relativos à sexualidade estão presentes na vida de todo ser humano, independente da faixa etária. Desse modo, a sexualidade não termina, ela existe enquanto houver vida, com características próprias de cada fase, como acontece com as outras funções vitais. O exercício da sexualidade é considerado sinal de vida, de interesse e de saúde⁽⁹⁾. Contudo, há redução da libido e da frequência nas relações sexuais no climatério, que estão associadas, em especial, com a maior prevalência de dispareunia, decorrente de atrofia urogenital, fogachos e da diminuição do desejo sexual nesse período⁽¹⁰⁾.

Um dos fatores que contribui para a diminuição da atividade sexual se dá pela redução dos níveis de estrogênio que provoca sintomas vasomotores, atrofia vaginal, disfunções sexuais e sintomas urinários⁽¹¹⁾. Além disso, outro fator que pode gerar dificuldades nas relações sexuais está associado às experiências que a mulher acumulou ao longo de sua vida, as quais influenciam em sentimentos e atitudes relacionados ao sexo e ao seu corpo. Também, há a falsa crença de que a menopausa se correlaciona com a perda da sexualidade da mulher. As modificações físicas que acompanham o climatério devem ter poucos efeitos sobre o funcionamento sexual, no entanto, alterações psicológicas próprias deste período vital, a ausência ou má interação com seu companheiro e os estereótipos culturais podem determinar a presença de disfunções sexuais⁽¹²⁾.

Além das mudanças relativas à libido os sujeitos observaram instabilidade no humor em sua companheira. Os homens relataram que elas se apresentavam inquietas e ansiosas, denotando labilidade humoral, o que favorece para a ocorrência de conflitos.

Muita briga! Eu evito sempre brigar (E2).

Mas olha diferença pouca coisa, fica desinquieta, muda um pouco. A mulher cada dia está com humor diferente. Às vezes está nervosa, a gente conversa com ela e percebe que ela está nervosa (E6).

Um pouquinho às vezes meio agitada, há um momento assim que ela fica meio nervosinha, mas no mais não vi diferença alguma (E9).

Além das flutuações hormonais do período que se segue à menopausa, há a preocupação com a saída dos filhos de casa e os conflitos conjugais que também podem contribuir para transtornos no humor. Como resultado pode haver reações depressivas, evento comum desta fase da vida, já que se trata de um período marcado por fatores psicossociais que modificam os papéis familiares e sociais, como a aposentadoria, perda dos pais, afastamento dos filhos e relacionamentos conjugais desgastados, e intensificam as perdas interpessoais⁽²⁾.

Um dos sujeitos deixa transparecer que possui pouca tolerância em relação à irritabilidade de sua companheira. Enfatiza que essa situação é problema da mulher e ele não se envolve nisso. Afasta-se e permanece longe de casa por

um longo período, dando a entender que com o tempo a instabilidade de humor se dissipa e, então, pode retornar para casa, quando as possibilidades de conflitos são menores.

Eu controlo... está braba! fique braba o problema é dela, eu nem escuto, nem falo nada. Está embrabecendo eu estou saindo, pego o carro vou viajar, não dou bola pra essas coisas, fico uns 10 dias fora, quando volto está boa (E4).

Ao analisar esse discurso percebe-se que o companheiro apresenta resistência, não entende e não colabora para a minimização da situação pela qual sua companheira está passando. A causa do mal-estar feminino, frequentemente, é atribuída ao cônjuge. Nesse cenário, em oposição a um cônjuge, surge um interesse contrário ao outro, a vítima⁽¹²⁾, o companheiro se faz de vítima da situação, insinua que a irritabilidade da mulher lhe incomoda, não pensa que talvez ele possa ser a causa da mesma, e toma a decisão de sair de casa por uns dias.

As mudanças observadas pelos companheiros se dão principalmente no que diz respeito ao humor e a sexualidade. Contudo, alguns deles relataram que houve outras mudanças na vida da mulher, porém mencionaram que essas alterações não afetaram a relação conjugal. Eles compreendem que as manifestações ocorrem e são passageiras. Entendem que ela vive uma fase de agudização dos sintomas e, por isso, essas mudanças não duram tempo suficiente para se tornar um problema crônico, que afete o relacionamento do casal ou que sejam contínuas o bastante para que o homem possa observá-las.

Porque são coisas que passam, passam despercebidas pela gente,... são coisas que passam despercebidas pelo homem, que tu não se atém, não se observa nada (E10).

Por falta de conhecimentos sobre as alterações fisiológicas e psíquicas que ocorrem no corpo da mulher, o companheiro não observa que acontecem tais modificações e não compreende o momento vivenciado por sua esposa⁽⁸⁾. Um dos sujeitos comenta que uma das mudanças que ele observa é a perda do desejo sexual por parte da mulher e isso o deixa propenso a ser infiel.

O que ela tem ela perde... daí é o que há em certos casamentos que termina que os homens procuram fora aquilo que não tem em casa (E4).

Este fragmento de fala pode indicar pouca solidariedade do marido. A convivência com um marido pouco compreensivo e que não reconhece os sinais e sintomas típicos do climatério, tais como a diminuição da libido e até dispareunia, pode ser um fator desencadeante ou agravante de problemas no relacionamento conjugal. Isto, algumas vezes, faz com que a mulher não deseje nenhum contato íntimo com seu parceiro⁽⁸⁾. Nesse contexto, para uma boa interação deve haver diálogo com a finalidade de entendimento e compreensão, para que os dois possam encarar juntos a fase climatérica da mulher.

Muitas situações de falta de comunicação e até mesmo de compreensão e afeto entre os casais, com o culto à individualidade da vida moderna, induz à perda da cumplicidade e intimidade⁽²⁾. Desse modo, o vínculo amoroso das relações pode se romper e comprometer o interesse e a resposta sexual. Os participantes do estudo afirmaram que um dos problemas de muitas separações são a incompreensão do marido e a intolerância, o que favorece para o surgimento de conflitos e motivos para separação conjugal.

Aí que está o problema no casamento, tem gente que não perdoa, que não compreende, sai e já leva a mala junto (E4). Não percebi nada de diferente até agora, mas, qualquer coisa eu ligo (E7).

A separação, muitas vezes, deixa a mulher desamparada, com sentimento de solidão e culpa que pode levar a sintomas depressivos. O estudo que trata sobre o processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério, identificou que o sentimento de solidão apareceu no discurso das mesmas de forma intensa, embora algumas vezes de modo velado, incluindo aí aquelas que vivem com companheiro e com a família⁽¹³⁾. Acontecimentos como divórcio, separação ou viuvez na vida da mulher parece favorecer para maior risco de sofrimento psicológico e de depressão, se comparado com mulheres solteiras e casadas⁽¹⁴⁾.

Além disso, no período climatérico, quando não há um bom entendimento sobre essa fase da vida pela

própria mulher e pessoas de seu convívio, as relações intra e extrafamiliares podem ser afetadas de forma negativa, o que gera conflitos conjugais, com os filhos e com seu círculo de amizade⁽²⁾. Um entrevistado afirma que não conhece muito sobre o que acontece nessa fase da vida de sua companheira, mas mostra interesse em saber mais.

Eu não sei muito sobre, sobre o que está acontecendo com ela então gostaria, gostaria de saber mais (E3).

Em estudo realizado no setor do climatério de uma unidade de saúde, na região metropolitana do Rio de Janeiro com 289 mulheres, sobre as práticas e representações sociais do climatério, houve a menção, por parte das mesmas, da necessidade dos homens participarem de palestras, encontros que versam sobre os aspectos do climatério feminino⁽¹⁵⁾. Entende-se que o climatério consiste numa fase de mudanças, que é reforçado pelo imaginário social como um episódio preliminar para o envelhecimento e a improdutividade. Assim, a partir do momento que as pessoas, especialmente aquelas que estão vivenciando esse período, têm maior conhecimento e clareza acerca das modificações que ocorrem, talvez houvesse maior entendimento e compreensão, o que favorece para o relacionamento conjugal. Contudo, há cônjuges que desconhecem e não se mostram interessados em saber algo referente ao climatério feminino, como se pode constatar nas falas abaixo:

Não gostaria de saber de nada, é um problema dela (E6).

Eu não sei nada, nada, eu não sei mesmo nada, não entendo nada e não gostaria de saber (E7).

Os homens apresentam dificuldades para acompanhar suas mulheres no período climatérico e, também, de verem seu corpo envelhecer e procurar ajuda, quando necessário⁽¹⁵⁾. Também, constata-se que os homens se sentem incomodados quando esta temática está direcionada à sexualidade. Nessa direção, um dos entrevistados menciona que não existe terapia hormonal adequada, mas se for para melhorar a falta de desejo de sua mulher, talvez ela deva fazer uso.

Não tem hormônios bons, é difícil achar um. Mas se tomar hormônio der certo e vai melhorar o desejo.... então arruma um logo para ela (E8).

A terapia de reposição hormonal não pode ser a única alternativa para minimizar os problemas relacionados aos diversos fatores que envolvem a fase do climatério, e os profissionais da área de saúde tem muito a contribuir com os cuidados e atenção às mulheres nesse período⁽¹⁶⁾. A compreensão da mulher que está vivenciando o climatério inclui as modificações relativas à sexualidade, uma vez que esta possui contiguidades restritas, pela mulher, em decorrência dessa fase do ciclo vital. As alterações sexuais que ocorrem podem vincular-se com a insatisfação do convívio com o companheiro, evidenciado pela incompreensão e ausência de diálogo conjugal⁽¹⁷⁾.

Desse modo, as falas evidenciam uma cultura focada ou quase só centrada nas necessidades do homem – uma cultura androcentrada. Nesse contexto, quando se fala de necessidades, estas são focadas a condições fisiológicas e relativas ao ato sexual em si e pouco se considera os aspectos afetivos e relacionais.

REFERÊNCIAS

1. Berni NIO, Luz MH, Kohlrausch SC. Conhecimento, percepções e assistência à saúde da mulher no climatério. *Rev. bras. enferm.* 2007;60(3):299-306.
2. Brasil. Ministério da Saúde. Manual de Atenção à Mulher no Climatério/Menopausa. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde, 2008. 192p.
3. Valadares AL, Pinto-Neto AM, Conde DM, Osis MJ, Sousa MH, Costa-Paiva L. Depoimentos de mulheres sobre a menopausa e o tratamento de seus sintomas. *Rev. Assoc. Med. Bras.* 2008;54(4):299-304.
4. Baldissera VDA, Bueno SMV. A representação da sexualidade por idosas e a educação para a saúde. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2010 [cited 2011 abr 10];12(4):622-9. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n4/v12n4a05.htm>.
5. Costa GMC, Gualda DMR. Conhecimento e significado cultural da menopausa para um grupo de mulheres. *Rev Esc Enferm USP.* 2008;42(1):81-9.
6. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [Internet]. Brasília: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (BR) [cited 2011 abr 15]. Departamento de População e Indicadores Sociais. Tábuas completas de mortalidade: 2003. Available from: <http://www.ibge.mgov.br>. Acessado em: 22/06/2009.
7. Bardin L. Análise de conteúdo. 1st ed. Lisboa: Edições 70; 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identifica-se que os homens possuem dificuldade para verbalizar questões relativas à temática em estudo. As respostas aos questionamentos foram pontuais, sem muitas observações sobre o assunto climatério. Pode-se dizer que os homens não falam muito sobre este tema, talvez por incomodá-los, pois reconhecem que a companheira precisa de apoio e, muitas vezes, não sabem qual conduta tomar para ajudá-las.

A partir das manifestações dos sujeitos deste estudo, pode-se compreender melhor o porquê de a mulher sentir-se, muitas vezes, solitária e triste no decorrer do período climatérico. Os companheiros parecem reconhecer as mudanças vivenciadas por suas mulheres, mas estão pouco preparados para ampará-las. Assim, considera-se que o parceiro deva ser solidário, compreensivo e tolerante, pois é nele que a mulher também busca apoio para suportar essa fase de mudanças.

Os profissionais de saúde, por sua vez, devem fornecer informações e esclarecimentos no sentido de que o homem e a mulher possam entender que o climatério é um período normativo de transição. Para isso, há necessidade de qualificar a escuta, acolher as queixas e estimular os homens e mulheres a compreender as diferentes fases da vida, inclusive o climatério feminino.

8. Scowitz IKT, Santos IS, Silveira MF. Prevalência e fatores associados a fogachos em mulheres climatéricas e pós climatéricas. *Cad. Saúde Pública.* 2005;21(2):469-81.
9. Aderne FO, Araújo RT. Influência da menopausa no padrão sexual: opinião de mulheres. *Rev. Saúde. Com.* 2007;3(2):48-60.
10. Dennerstein L, Dudley E, Burger H. Are changes in sexual functioning during midlife due to aging or menopause? *Fertil Steril* 2001;76(4):456-60.
11. Silveira IL, Petronilo PA, Souza MO, Silva TDNC, Duarte JMBP, Maranhão TM, et al. Prevalência de sintomas do climatério em mulheres dos meios rural e urbano no Rio Grande do Norte, Brasil. *Rev. Bras. Ginecol. Obstet.* 2007;29(8):415-22.
12. Cavalcante ACS. Sofrimento psíquico de mulheres em fase de climatério usuárias da estratégia saúde da família em Teresina – PI. [dissertation]. Fortaleza: Universidade de Fortaleza/UNIFOR; 2007. 112 p.
13. Zampieri MFM, Tavares CMD, Hames MLC, Falcon GS, Silva AL, Gonçalves LT. O processo de viver e ser saudável das mulheres no climatério. *Esc Anna Nery Rev. Enferm.* 2009;13(2):305-12.
14. Serrão C. (Re)pensar o climatério feminino. Análise psicológica. 2008;(XXVI):15-23.
15. Mendonça EAP. Representações médicas e de gênero na promoção da saúde no climatério/menopausa. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2004;9(3):751-62.

16. Falcão DVS, Dias CMSB. editores. Maturidade e velhice: pesquisas e intervenções psicológicas. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2006.

17. Oliveira DM, Jesus MCP, Merighi MAB. Climatério e sexualidade: a compreensão dessa interface por mulheres assistidas em grupo. *Texto contexto-enferm*. 2008;17(3): 519-26.

Artigo recebido em 22/08/2011.

Aprovado para publicação em 04/09/2012.

Artigo publicado em 30/06/2013.